REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 448

1 DE JUNHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A Chronica regista hoje a morte de tres homens illustres: o sr. conselheiro Adriano Machado, estadista e parlamentar muito conhecido, reitor da Universidade de Coimbra, o Visconde de Pindella um fidalgo distinctissimo, chefe do partido progressista em Braga, e o dr. Marcelino Craveiro, um medico notavel e director do Hospital de Rilhafolles.

Com o primeiro d'estes tres homens illustres tinhamos apenas as relações cerimoniosas de simples cortezia: apertamo-nos duas ou tres vezes as mãos, e d'elle conheciamos apenas o que toda a gente conhecia: — a subida illustração e a seriedade de caracter, homem de bem e homem de trabalho, Adriano Machado deixa atraz de si uma tradicção honrada e honrosa na vida como a deixou na politica.

Os seus amigos intimos, aquelles que de perto o conheciam choram-no com funda saudade, e os indefferentes, lamentam a sua perda com a justiça com que se lamenta sempre a perda d'um homem que pelo seu caracter, pelo seu trabalho e pelo seu talento é util ao seu paiz.

Com os outros dois, com o Visconde de Pindella e o dr. Marcelino Craveiro tinhamos relações mais estreitas d'amisade. Em dois periodos da nossa vida vivemos muito de perto com elles e a sua morte pungiu-nos tristemente porque lhes queriamos como bons amigos, porque elles levaram comsigo para o tumulo umas parcellas do nosso passado, umas horas alegres da nossa vida d'outr'ora.

E é muito triste ir vendo desapparecer na cova, uma a uma, essas pessoas com quem viviamos no labutar constante da existencia, n'essa tarefa quotodiana do trabalho, dos negocios, das occupações e dos devertimentos que constituem a eterna lucta pela vida!

E' muito triste e vae-nos demonstrando muito mais que todos os cabellos brancos que nos apparecem na barba, e de que todos os cabellos pretos que nos desapparecem da cabeça, que os annos vão passando e que vamos caminhando para velhos com uma rapidez que nos encantaria n'um carro americano, mas que não nos encanta nada no comboyo da vida...

E parece que todos se conspiram para nos fazerem pensar n'isto, para nos gritarem que estamos velhos, tanto os que morrem como os que vivem.

Aqui ha semanas um amigo que não viamos ha muitos annos deu-nos esse grito na rua do Ouro.

Nós sahiamos do Ministerio do Reino com um collega nosso e foi logo ali ao pé da rua dos Capellistas que encontrámos o tal amigo antigo.

Abraçamo-nos com umas grandes expansões d'amisade.

— Como está você!

— E você!

— Ha que tempos!

— Ha mais de quinze annos!

E abraços e recordações de alegres passados, de frescatas, de partidas.

E depois despedimo-nos cordealmente com outros abraços apertados, d'esses de metter as costellas dentro, com a familiaridade intima, a sem cerimonia, d'uma amisade velha.

Quando voltámos para junto do nosso companheiro que discretamente se tinha afastado, elle, depois de hesitar um bocado, disse-nos com um tom ligeiremente reprehensivo:

— Então o senhor trata assim, com toda essa galhofa um homem d'aquelles..

— Assim, como?

— Trata-o por você, abraça-o...

— Mas então...

— Não lhe beijou sequer o annel...

— O annel? perguntámos muito surprehendidos sem atinar com o que elle queria dizer.

— Sim o annel, então a um bispo, a um principe da egreja é costume ao menos beijar o annel.

A' palavra bispo cahimos das nuvens.

Era verdade, era

O NOVO MINISTERIO

GENERAL JOÃO CHRYSOSTOMO D'ABREU E SOUZA

PRESIDENTE DO CONSELHO E MINISTRO DA GUERRA

(Segundo photographia)

assim mesmo; era um bispo, e nós tinhamol-o tratado como d'antes o tratava-mos no collegio.

Era um principe da egreja e nós nem tinhamos dado por isso, só tinhamos visto n'elle o antigo condiscipulo, o antigo companheiro das orgias do café Grego...

D'ali a dias esbarrámos na rua nova da Palma n'um militar que nos abria os braços com fundas exclamações.

— Oh! Tu por aqui? Ha que annos!

— É verdade... És tu .. Ora não ha!

E fomos conversando de braço dado por ali fóra recordando os nossos tempos, as nossas aventuras, as nossas bambochatas.

Chegámos ao Rocio.

Quando passavámos por deante da estação do theatro de D. Maria ouviamos a sentinella gritar:

— A's armas;

Muito naturalmente olhámos para todos os lados a vêr quem era que a sentinella avistára.

Entretanto a guarda viera prefilar se e apresentava armas.

E o nosso amigo fazia a continencia.

Olhámos-lhe para o braço.

A continencia era para elle: o nosso antigo companheiro era um general.

E então meditámos no caso e ficámos triste, pa-avra d'honra!

Tratar por tu um general e por você um bispo é mau signal, é um symptoma terrivel!

D'antes não conheciamos no exercito senão de alferes para baixo, hoje não conhecemos senão de majores para cima: d'antes os nossos amigos eram todos estudantes ou vadios, estroinas; hoje são uns, ministros, outros, directores geraes, outros, pares do reino, e todos circumspectos, e todos pelo menos conselheiros.

É triste como a breca, isto, e francamente tomaramo-nos nós no tempo em que, quando por curiosidade de rapaz iamos á camara dos pares, não conheciamos ninguem, e quando entravamos no pateo do Lyceu conheciamos toda a gente.

Hoje mudaram-se as scenas, no pateo do Lyceu nem umas mãos que se estendam para nós, na camara dos pares tudo caras conhecidas!

*
* *

E tudo isto a proposito de dois mortos queridos que acabam de descer á cova!

É que esses mortos vieram accordar-nos recordações de tempos que não vão ainda muito longe, mas que olhando agora para elles parece que já lá vão ha seculos.

O doutor Marcelino Craveiro por exemplo!

Ha ainda bem poucos annos que elle era freguez assiduo d'um cavaco delicioso que havia todos os dias, das 2 para as 3 horas no ministerio do reino.

Ha muito poucos annos ainda e entre tanto dos parceiros d'esses cavacos apenas restamos tres, o dr. Guilherme Celestino, o dr. Gusmão — que deixou a instrucção publica pelos ananazes e o Terreiro do Paço pelas estufas de S. Miguel, e a pessoa que escreve estas linhas.

E todavia eram tantos os companheiros d'esse cavaco, tantos e tão bons: — Francisco Palha, Castilho e Mello, João Ricardo Cordeiro, João Carlos Barruncho, o dr. Marcellino Craveiro, o dr. Oliveira Soares.

E todos estes já lá vão, todos.

O primeiro a desapparecer foi o Castilho e Mello.

Ainda o estou a vêr no dia em que elle muito pallido, todo a tremer de frio, chegou á porta da nossa repartição a dizer-nos adeus, que ia para casa que estava cheio de arrepios...

Foi a sua despedida.

Nunca mais voltou á secretaria, nunca mais sáhiu de casa senão para o cemiterio.

O que se lhe seguiu foi o pobre João Ricardo Cordeiro; o illustre dramaturgo, o auctor laureado do *Cura d'almas*, dos *Paraizos conjugaes*, da *Sociedade elegante*.

Esse era certo ás duas horas em ponto, e por essa sua pontualidade Francisco Palha puzera-lhe a alcunha do Vapor do Barreiro.

Quando elle entrava nós todos acertavamos o relogio, como se elle fosse o Balão do Arsenal.

Tinha um esplendido cavaco o Ricardo Cordeiro, mas sempre aprehensivo, queixando-se sempre, dizendo que tinha doença de espinha, debaixo de grandes descomposturas nossas, que lhe chamavamos doente de scisma; mas infelizmente a scisma era verdadeira e foi o mal de espinha que o matou.

Depois foi o Barruncho que desertou. Esse apesar de mais velho era o mais jovial do grupo, era o que fazia as partidas de rapaz, o que escondia os chapeus, deitava areia nas luvas, punha cadeiras em falso para quem se sentava ter um susto.

A's vezes a conversação versava sobre comidas; discussão de petiscos, receitas de cosinha.

N'esses dias, era certo o Barruncho levantar-se gravemente da sua secretaria e offerecer palitos a cada um de nós...

— Bom, agora estão jantados, pódem ir para casa, e andem lá que a tripinha pôz luminarias.

Depois foi o dr. Oliveira Soares um diabetico impenitente, que fugia aos amigos, fugia á vigilancia da familia, e mettia-se no *Violette* e no Ferrari a devorar doces, deitando assim carvão na machina da locomotiva que havia de o levar para o outro mundo...

Depois foi o Francisco Palha e a amizade, o respeito, a estima que tinhamos por esse grande homem e esse grande amigo era tão grande que ainda hoje não podemos escrever o seu nome sem sentir os olhos humedecidos pelas lagrimas.

Agora foi o dr. Marcelino um cavaqueador delicioso, que nos contava historias magnificas todos os dias, e sempre historias novas, como se tivesse lá dentro o segredo do thesouro dos mil e uma noites...

E digam-nos se não é uma profunda tristeza recordar tudo isto, olhar para traz e vêr tanto lucto onde ainda ha bem pouco se via tanta alegria...

*
* *

O visconde de Pindella, esse conhecemol-o em Braga ha uns 15 annos.

Passámos muitas noites deliciosas em sua casa, apreciámos de perto todos os thezouros d'aquelle caracter verdadeiramente fidalgo.

E do grupo que então nos acompanhava já muitos dormem ha que tempos o grande somno: o Augusto Soromenho, do Curso Superior de Lettras, o marquez de Sousa Holestein, o Fernando Castiço, o Miguel Bento Leite Pereira, o conego Figueiredo, uma das mais formosas intelligencias que temos conhecido...

Vejam lá que quantidade enorme de cruzes negras n'este rapido relancear d'olhos por uma pagina do passado.

Gervasio Lobato.

O NOVO MINISTERIO

No breve espaço de dezaseis mezes, o que na vida de uma nação é um momento, tem-se succedido no poder tres ministerios, cuja vida tem sido e será uma lucta difficil como difficil é a situação em que o paiz se tem encontrado n'aquelle lapso de tempo.

A questão ingleza fez cahir em Janeiro de 1890 o governo progressista, presidido pelo sr. José Luciano de Castro; a mesma questão fez cahir em agosto d'aquelle anno o governo regenerador, presidido pelo sr. Antonio de Serpa; a crise financeira fez cahir agora o ministerio extra-partidario presidido pelo general sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, e em todas estas quedas de ministerios a formação dos novos gabinetes foi difficil e demorada, principalmente nos dois ultimos.

A formação do novo ministerio, apesar de não ser tão demorada como a do ministerio que o precedeu, gastou ainda assim oito dias, em que, primeiro o sr. conde de S. Januario e depois o sr. Antonio de Serpa, encarregados por el-rei para organisarem governo, nada poderam conseguir, sendo então encarregado do espinhoso encargo o sr. general Abreu e Sousa, presidente do gabinete demissionario, e que ao fim de vinte e quatro horas conseguio organisar ministerio, sahindo os decretos no *Diario do Governo* do dia 20 ficando assim constituido:

General João Chrysostomo de Abreu e Sousa. Presidente do conselho e ministro da guerra, o mesmo logar que desempenhava no ministerio demissionario.

A biographia do illustre general e bom patriota já está escripta no Occidente ainda não ha muito tempo, e não a repetiremos agora, mas sim diremos que o serviço que sua excellencia acaba de prestar ao paiz, bem merece a gratidão de todos os portuguezes, porque nas circumstancias excepcionaes em que a nação se encontra, só o amor patrio, um verdadeiro civismo, fariam esquecer ao venerando general os cançasos de uma longa vida com todas as desillusões e em que já não ha ambições que surriam, para que arroste com todas as difficuldades do pezado encargo que tomou sobre seus hombros.

O desejo de ser util, prestante, mesmo no ultimo quartel da vida, é a affirmação mais eloquente dos elevados sentimentos que animam o respeitavel presidente do conselho, a maior garantia de quanto elle fará por conciliar todos os attrictos do seu difficil cargo e robustecer a situação a que preside.

Lopo Vaz de Sampaio e Mello. Ministro do reino, geriu a pasta da justiça no ministerio que cahiu em agosto do anno passado. Os seus serviços politicos já tem sido referidos por mais vezes no Occidente. É dos homens politicos de mais valia que hoje tem o paiz e todos lhe reconhecem essa superioridade. Já geriu a pasta da fazenda, no ministerio presidido por Antonio Rodrigues Sampaio, em 1881, primeira vez que subiu aos conselhos da corôa. Ha muito a esperar da sua capacidade politica n'um ministerio em que tem collegas á sua altura, como o sr. Marianno de Carvalho.

Marianno Cyrillo de Carvalho. Ministro da fazenda pela segunda vez, a primeira vez foi em 1886, no ministerio progressista presidido pelo sr. José Luciano de Castro, deixando a pasta, em 1889 e sendo substituido pelo sr. Augusto José da Cunha, ministro da fazenda no ultimo ministerio demissionario.

O sr. Marianno de Carvalho é hoje o primeiro financeiro do nosso paiz, e a opinião publica estava a indical-o n'este momento, para a pasta da fazenda, como o homem que podia arcar com as difficuldades financeiras que assoberbam o thezouro. Oxalá que assim seja e que elle possa vencer essas difficuldades tão completamente como os seus desejos e os desejos da nação.

Julio Marques de Vilhena. Ministro da marinha e do ultramar pela terceira vez. Tem sido este ramo da publica administração que maiores estudos lhe tem merecido. Tanto da primeira como da segunda vez que geriu os negocios da marinha o do ultramar, deixou boa memoria da sua gerencia, e por isso era tambem um dos ministros que a opinião publica indicava para esta pasta.

O sr. Julio de Vilhena vendo que os seus serviços eram reclamados pelo paiz, não duvidou acceitar o encargo, mesmo com sacrificio da sua saude bastante melindrosa.

Por esta mesma razão só tomou posse da pasta quatro dias depois da sua nomeação, porque um pertinaz ataque de garganta o deteve em casa até ao dia 26.

Conde de Valbom. Ministro dos negocios estrangeiros. É um estadista experimentado que foi pela primeira vez ministro da fazenda em 1862 gerindo por tres annos esta pasta, com os mais brilhantes e positivos resultados para a vida economica do paiz. Todos conhecem as suas grandes reformas na administração da fazenda e as suas notaveis leis da extincção dos morgados e abolição do monopolio do tabaco.

Tendo feito parte da sua educação no estrangeiro, estudou com grande aproveitamento as sciencias economicas e deu brilhantes provas do seu saber nos governos que fez, como ministro da fazenda nos annos que referimos e como ministro das obras publicas e da guerra em 1869 e 1870.

Em 1876 entrou na carreira diplomatica e foi embaixador para Madrid. Em 1886 embaixador em Paris. É um perfeito estadista e diplomata.

Como se vê, ha vinte annos que não era chamado aos conselhos da corôa, apesar do seu nome ser por mais de uma vez indicado para ministro e de mesmo ter sido convidado sem acceitar.

Evidentemente um sentimento patriotico o aconselhou n'este momento a acceitar a pasta dos negocios estrangeiros, não menos difficil que a da fazenda ou a da marinha, nas actuaes circumstancias.

É o mais velho dos ministros depois do sr. presidente do concelho. O sr conde de Valbom conta 66 annos O seu talento e a sua experiencia impõe-se naturalmente como melhor garantia da sua boa gerencia.

João Franco Castello Branco. Ministro das obras publicas. E' pela segunda vez chamado aos conselhos da corôa, apesar de ser novo. Fez tambem parte do ministerio que cahiu em agosto do anno passado, e geriu os negocios da fazenda, que encontrou nas mais difficeis circumstancias.

Decretou então os 6 % adiccionaes com o que conseguio augmentar a receita do estado em cerca de dois mil contos; levou ás camaras a lei do monopolio do tabaco, que foi approvada e procurou, emfim, no curto praso do seu governo, melhorar quanto poude as finanças. Não foi inutil a sua passagem pelo poder e antes affirmou qualidades que o recommendavam para ministro.

É de esperar que gerindo agora a pasta das obras publicas, continue a affirmar as suas qualidades administrativas onde tanto tem que desbravar.

ALBERTO ANTONIO MORAES DE CARVALHO. Ministro da justiça e dos negocios ecclesiasticos. É pela primeira vez ministro e ha dez annos que entrou nas luctas parlamentares, sendo eleito pela primeira vez deputado, em 1881 pelo circulo de Vouzella, e elevado a par do reino em 1890.

É filho do antigo ministro d'estado sr. Moraes de Carvalho, e formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1873, estabelecendo depois banca de advogado em Lisboa.

Nos seus discursos parlamentares, tem revelado grandes conhecimentos financeiros, e antes de entrar n'este ministerio o seu nome figurou na lista de um outro ministerio em que era encarregado da pasta da fazenda.

Na ausencia do ministro da fazenda sr. Marianno de Carvalho, que foi a Paris tratar dos negocios financeiros, ficou o sr. Moraes de Carvalho interinamente encarregado d'aquella pasta.

C. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO ADRIANO D'ABREU CARDOSO MACHADO

Falleceu na cidade do Porto, no dia 25 do mez findo, o sr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado, antigo lente da universidade de Coimbra, ministro de estado honorario procurador da coróa, e reitor da universidade, cargo que exercia ultimamente.

No nosso collega o *Primeiro de Janeiro* encontramos algumas notas biograficas, as mais completas que conhecemos sobre a vida do illustre jurisconsulto d'ellas extractaremos alguns periodos que desenhem perfeitamente o homem politico e o sabio professor:

«Foram seus paes Rodrigo d'Abreu Machado e D. Maria Eufrasia d'Abreu Cardoso Machado. Nasceu em Monsão a 17 de julho de 1829 e d'ali veio para o Porto aos 7 ou 8 annos. Estudou aqui preparatorios para a Universidade e emquanto esta estéve fechada, no tempo da patuleia, estudou grego e allemão no collegio da Formiga.

Tomou capello em direito em 51 ou 52, e ficou logo pertencendo ao corpo docente da faculdade como doutor addido. N'essa qualidade não tinha serviço permanente nem ordenado nenhum. Foi depois para Monsão e lá exerceu a advocacia. São notaveis muitas das suas allegações. De lá foi por vezes a Coimbra tomar parte na argumentação de theses e exames provados, e assistiu a capellos, sem gratificação para despezas de jornada. Em 1854 foi nomeado lente substituto, logar que exerceu até 1858.

Em outubro d'esse anno abriu a regencia da sua cadeira d'economia politica na Academia Polytechnica do Porto por concurso em que se tornou muito notavel. Continuou a sua bella e proveitosa carreira de professor até 1865.

Era d'uma exposição extremamente clara e tornava facil e proveitoso o estudo da sua cadeira aos seus discipulos, os quaes mesmo estudando pouco e até sem estudar, ouvindo-o com attenção, no fim do anno ficavam sabendo alguma coisa das materias que se tinham dado. Tratava os seus discipulos com extrema benevolencia e tornou-se isso tão notorio que nos ultimos annos da sua regencia não tinha um unico pedido para actos.»

Em 1865 foi nomeado commissario dos estudos no Porto, desempenhando tambem as funcções de reitor do lyceu e de procurador á junta geral do districto, prestando relevantes serviços áquella cidade pelo que foi louvado pelo governo.

Diz ainda o seu biographo:

«Em 1864, convidado pelo duque de Loulé a tomar conta da direcção geral d'instrucção publica, tomou conta do seu novo cargo, que exerceu até junho de 1869.

Foi o autor da reforma d'instrucção superior apresentada pelo bispo de Vizeu e foi tambem por iniciativa sua que começáram os exames do sexo feminino nos lyceus.

Quando entrou em execução a reforma d'instrucção superior que dispunha que os professores em commissão optassem pela sua commissão ou pela sua cadeira, Adriano Machado voltou para o Porto. N'essa occasião foi a Lisboa uma commissão da academia polytechnica pedir-lhe que aceitasse a nomeação de director da mesma academia. Effectivamente foi nomeado, aceitou e conservou a direcção da academia até 83 ou 84.

Eleito deputado por Penafiel, em 1871, tomou assento na camara sem estar filiado em partido nenhum. O conselheiro A. Braamcamp começou logo a requestal-o para o seu partido historico, mas só se filiou na sessão seguinte e depois de lhe ter sido acceite pelo partido a condição de propôr a lei da responsabilidade ministerial, administradores de concelho electivos e outros.»

Sendo deputado pelo Porto em 1878, e 1879 entrou n'este anno no ministerio presidido por Anselmo José Braamcamp, para ministro da justiça, cargo que desempenhou com muito proveito para a publica administração até 1881

Ao seu trabalho se devem reformas importantes como a da tabella judiciaria e a das dioceses que o governo regenerador poz em execução. Trabalhou ainda n'um codigo commercial, assim como em muitos outros projectos em que mencionaremos: reformas das cadeias, dotacão do clero, registo civil, casas de correcção, etc.

Foi uma existencia util para o paiz a quem prestou todos os serviços da sua intelligencia e saber, e o partido progressista, principalmente, perdeu n'elle um dos seus homens de mais valia, um correligionario dedicado que no norte do paiz era o chefe do mesmo partido.

A GUINÉ PORTUGUEZA

(Concluido do n.º 446)

Uma das industrias da nossa Guiné era o tabaco, mas a decadencia commercial accentuou-se visivelmente depois da implantação da *Regie*.

N'esta nossa provincia o tabaco em folha substituiu e substitue a moeda que representa pequenas quantias para compras dos ovos, gallinhas, bananas e laranjas. A consequencia d'esta sabia medida dos nossos politicos é facil de prever. O valor do tabaco triplicou e por consequencia triplicou o preço dos ovos, gallinhas, bananas ou laranjas. O estabelecimento da regie foi mais um imposto lançado sobre os habitantes da Guiné, sem se saber porque nem para quê.

E' pouco salubre a villa de Bolama, e uma das causas da sua insalubridade são as praias immundas; porque, não havendo canalisação, é n'ellas que fazem despejo todos os habitantes. Imagine-se, emquanto não houve a ponte caes, como seriam feitos os desembarques e em que estado ficava o desgraçado que dos hombros dos pretos caisse na praia!...

Em 1882 o estado civil da população da Guiné era o seguinte: em Bolama 4:061 individuos, em Cacheu 650, e em Buba 1:234, total 5:945 habitantes. E' incontestavel que e população é muito maior, comtudo é o que se póde obter pelas auctoridades civis e ecclesiasticas. A população que não se baptisa, nem casa, e se tem filhos não o participa, é a do gentio. Assim, é muito difficil por ora dar uma ideia regular do numero total de habitantes da nossa Guiné.

Entretanto do numero de 5:945 individuos que damos ainda podemos descriminar: — Sexo masculino, menores de 14 annos solteiros nos tres concelhos de Bolama, Cacheu e Buba: 579 — maiores de 14 annos nos tres concelhos, solteiros 3:052, casados 109, viuvos 18. — Total do sexo masculino 3:848 varões. Sexo feminino, menores de 14 annos solteiras 577, viuva 1 — maiores de 14 annos nos mesmos concelhos, solteiras 1:465, casadas 41, viuvas 13. — Total do sexo feminino nos tres concelhos 2:097 femeas.

O sr. Roaul de Rochelblanche diz na *Illustration* que se lhe deparou uma unica escóla mantida pelas sobrinhas do honrado Honorio Pereira Barreto, e que estas senhoras são a classe e formam por si toda a frequencia escolar *(font la classe)* mas que nenhuma d'ellas sabe ler nem escrever e quando alguem *leur demande à quoi diable peut bien servir leur école* como diz o collaborador da *Illustration*, estas senhoras respondiam com uma grande seriedade que «em todas as cidades civilisadas é preciso que haja uma escóla, mas que não é necessario que ahi se aprenda muita cousa.»

Isto é incrivel! e assim se desacredita gratuitamente um paiz!

Segundo a *Illustração* franceza n.º 2:500 vol. 97.º de 24 de janeiro de 1881, na Guiné portugueza ha só umá escola, e essa mesma sem frequencia alguma regida por duas senhoras, que não sabem lêr nem escrever!

Ora vamos la praticar uma obra de misericordia.

Em 1886, no *Annuario Estatistico de Portugal* pag. 802, vemos que a escóla de Bolama foi frequentada por 86 varões e 23 femeas, a de Bissau por 60 varões e 13 femeas, a de Cacheu por 31 varões e 18 femeas. — Total da frequencia das escólas da Guiné portugueza 231 individuos — sendo 177 varões e 54 femeas. E pergunta o sr. Raoul de Rocheblanche para que serve uma escóla sem discipulos e sem mestres.

Muito se mente n'este mundo. Este sr. de Rocheblanche parece inglez. E ainda ha quem vá ás illustrações estrangeiras conhecer as cousas de Africa.

E chama a *Illustração*, em nota da empreza, áquellas paginas *documentos que precedem um estudo completo d'aquellas regiões*. Começa bem. Logo que virmos *Un tour dans la Guinée portugaise*, que é o titulo da obra do sr. Rocheblanche, vamos ler immediatamente e poremos de novo os leitores do OCCIDENTE ao facto de como se diffama gratuitamente um paiz amigo.

Manuel Barradas.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

—

X

BANCO DE PORTUGAL

A palavra *Banco*, no sentido commercial, e de origem italiana: vem de *banca*, mesa, do latim *mensariis*, porque em Roma aquelles que nos tempos da republica se occupavam do commercio de dinheiro tinham a sua banca particular nas praças publicas, onde faziam as suas transacções. Quando se declaravam sem dinheiro isto é, quando suspendiam pagamento, o povo quebrava-lhe a banca em pedacos, donde se deriva a palavra italiana *rota banca*, ou bancarota.

O primeiro banco de deposito que se creou na Europa foi fundado em Veneza em 1391 que findou em 1397 com o advento da republica.

Seguiram-se a este o banco de Genova em 1417 em Amsterdam em 1609 e em Hamburgo em 1619.

O famoso Banco de Inglaterra foi instituido em 27 de julho de 1694 pelo escossez William Paterson no reinado de Guilherme III. Foi creado com o capital de um milhão e duzentas mil libras sterlinas.

O Banco de França foi constituido pelas leis de 24 de abril de 1803 e 22 de abril de 1806, sendo os seus estatutos approvados por decreto de 16 de janeiro de 1808. O seu capital foi de 45 milhões de francos. Foi Napoleão I quem o instituiu, mas tambem quem o comprometteu com os repetidos emprestimos que o obrigou a fazer ao estado. Em 1806 elevou-se o capital a 90 milhões de francos.

Em Portugal esta instituição data do meado do seculo XVII. O irlandez Diogo Presten propôz a el-rei D. João IV o estabelecimento de um Banco em Lisboa para desempenhar os rendimentos da corôa. O offerecimento foi acceite, como se mostra no alvará de 31 da dezembro de 1652 e o regimento de 26 de junho de 1655, no qual se estatue qne todas as pessoas pódem subscrever para esse banco com 100 cruzados por cabeça desde as creanças de 8 annos até aos individuos de 56 annos.

Por cada entrada o Banco responderá com *reditos* de cinco por cento ao anno que seriam pagos aos semestres. Os instituidores corresponderiam para o governo com 20 reis por cada 2:000 reis de *reditós* que recebessem para a instituição de uma Casa Pia.

Este Banco não progrediu por motivo das discordias politicas, vindo a fenecer no reinado de el-rei D. Pedro II.

Foi cerca de um seculo depois que se creou o Banco Nacional do Brazil, por alvará de 12 de outubro de 1808 e mais tarde o *Banco de Lisboa* que é o assumpto principal do nosso artigo.

*
* *

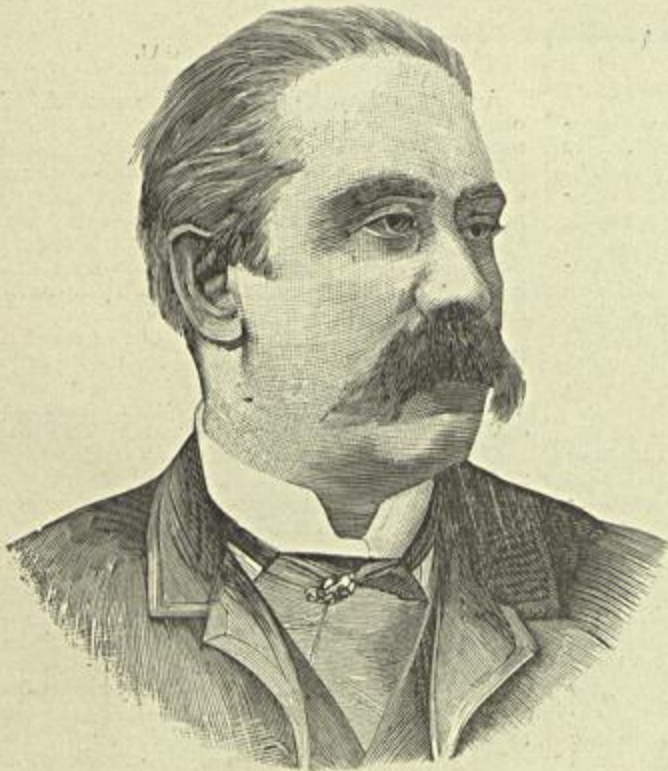
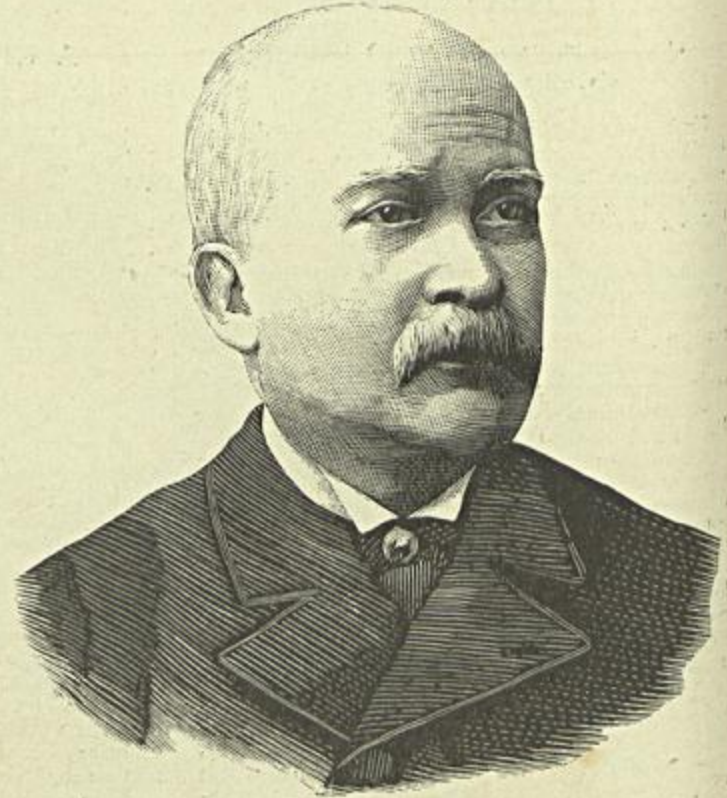
O *Banco de Lisboa*, foi creado por carta de lei de 31 de dezembro de 1821.

Deve-se a sua instituição ás cortes extraordinarias constituintes, pela revolução gloriosa que tantos beneficos effluvios trouxe ao povo portuguez.

Foi o deputado Soares Franco quem primeiro

O NOVO MINISTERIO

CONSELHEIRO LOPO VAZ — Ministro do Reino

CONSELHEIRO FRANCO CASTELLO BRANCO — Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria

CONSELHEIRO MARIANNO DE CARVALHO — Ministro da Fazenda

CONDE DE VALBOM — Ministro dos Estrangeiros

CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA
Ministro da Marinha e Ultramar

CONSELHEIRO MORAES DE CARVALHO
Ministro da Justiça e dos Ecclesiasticos

trouxe a ideia da formação de em Banco Nacional, apresentando na sessão de 30 de julho de 1821 uma proposta para que em Lisboa se organisasse aquelle banco, que seria independente do governo.

Na sessão de 5 de outubro o deputado Ferreira Borges expôz á camara o estado lastimoso a que se achava reduzido o desconto do papel-moeda, concluindo por pedir ao governo todas as providencias que estivessem ao seu alcance para remediar esse afflictivo estado. Desejava saber do ministro da fazenda as causas do augmento do descredito do papel moeda e se elle se achava com forças para arrancar, ou destruir esse mal que minava a nação.

Na sessão do dia 11 a commissão de fazenda offereceu o seu parecer sobre o desconto e amortisação do papel moeda, lembrando o alvitre de se estabelecer um Banco Nacional de descontos cujo fundo poderia ser de 4:000 contos dividido em 4:000 acções de um conto de reis cada uma.

Na sessão do dia 12 o ministro da fazenda, José Ignacio da Costa, propôz a creação de um banco de deposito, ao qual se attrahiria o papel moeda pelo juro de 5 ou 6 por cento.

Finalmente na sessão de 7 de dezembro o secretario da mesa fez a leitura de uma proposta apresentada pela commissão de fazenda para a organisação do *Banco Publico Nacional*, e na sessão do dia 13 foi a proposta approvada modificando-lhe o titulo no de *Banco de Lisboa*, devendo este ter a existencia de vinte annos, e não sendo permittido que em Portugal se creasse outra casa bancaria com os privilegios a este concedidos.

Poucos mezes depois foram nomeados pelas côrtes os organisadores do Banco de Lisboa, ou *inspectores*, recahindo a nomeação em os capitalistas José Bento do Carmo, em cuja residencia se abriu a subscripção, Antonio Francisco Machado e Joaquim da Costa Bandeira.

ACONTECIMENTOS DA GUINÉ PORTUGUEZA

AFRICA PORTUGUEZA — Um mercado em Bissau

(Segundo photographia)

D'ahi em diante achou-se estabelecido em Lisboa um Banco Nacional, debaixo da protecção das côrtes, tendo por fins acabar com a usura, fazendo emprestimos e descontos, acceitando depositos, tudo a preços rasoaveis. O seu fim era o de promover o commodo das transacções commerciaes e principalmente a amortisação do papel moeda, cujo desconto estava então a 23 e 24 por cento de perda.

Ao banco foi concedida a existencia de vinte annos e a formação do capital de 5000 contos divididos em 10:000 acções no valor de 500$000 réis cada uma.

A direcção foi nomeada em 2 de fevereiro de 1822. Constou dos seguintes individuos: presidente, barão de Porto-Covo; vogaes, Manuel Gonçalves Ferreira, Antonio Esteves Costa, José Bento de Araujo, Jacintho José Dias de Carvalho, João Rufino Alves Basto, Pedro de Sousa, Fernando Cardoso Maia e Antonio Francisco Machado.

No dia 20 do referido mez era fechada a subscripção e em 20 de agosto dava o Banco começo ás suas operações.

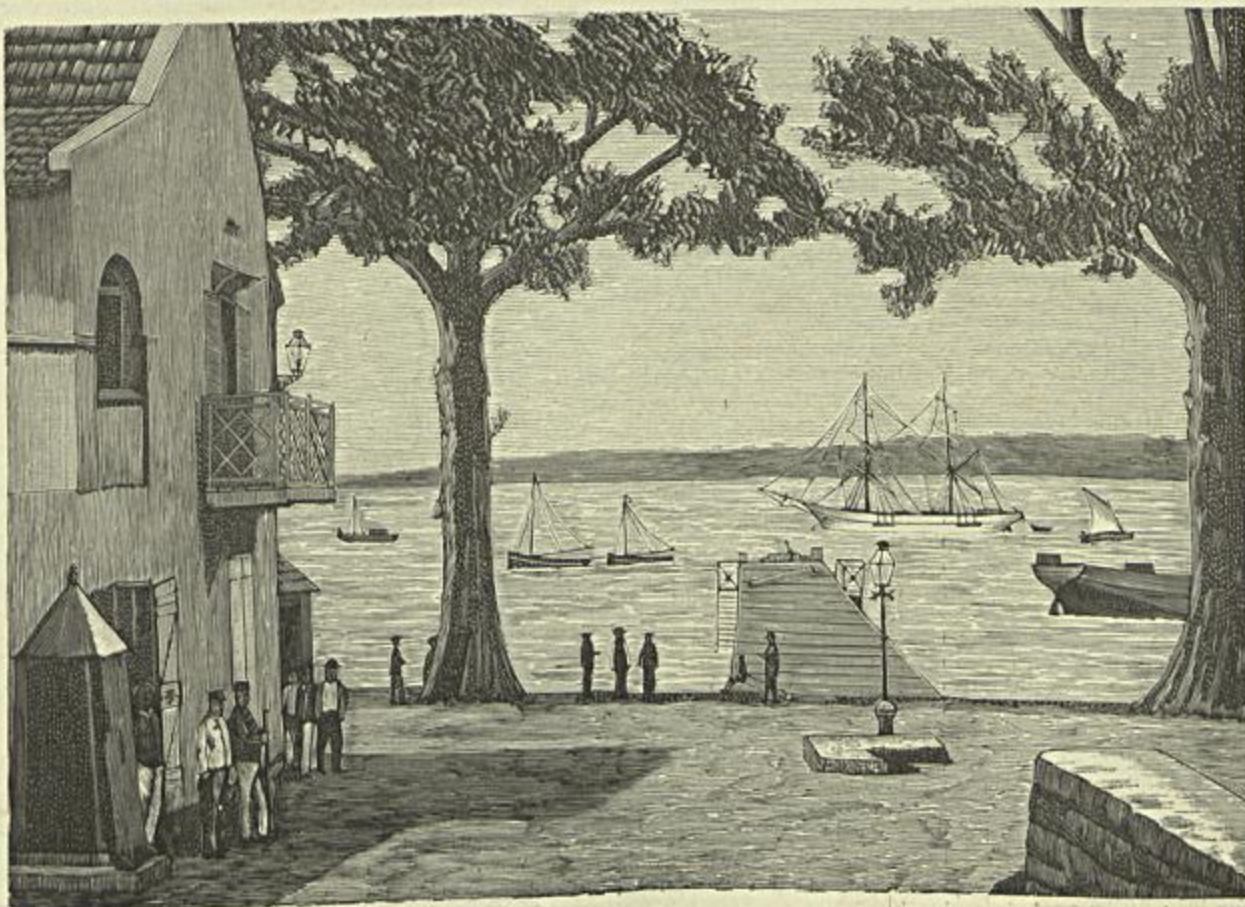
*
* *

Logo que o Banco de Lisboa definitivamente se estabeleceu, abriu o desconto do papel-moeda a 13 por cento. D'ahi resultou uma enorme accumulação do papel moeda, e conhecendo-se que as quantias em circulação d'esse papel eram muito superiores ás transacções diarias, resolveu-se retirar da circulação uma porção de papel-moeda por meio de amortisação.

Para esse fim a lei de 24 de fevereiro de 1822 abriu um emprestimo de 3:600 contos com o juro de 4 por cento entrando n'esse emprestimo 1:200 contos em papel-moeda e 2:400 em titulos de divida publica pela commissão respectiva até 30 de outubro de 1822 para serem queimados.

Escusado é dizer que o Banco fez a maior parte d'esse emprestimo consolidando mais de 500 contos em apolices de juro de 4 por cento.

Tendo-se augmentado pouco o fundo do Banco e vendo-se que com o capital que tinha se podiam fazer todas as operações bancarias, a lei de 7 de julho de 1824 veiu approvar a fundação d'esse util estabelecimento, fixar-lhe o seu capital em 2:400 contos, divididos em 4:800 acções de 500$000 réis cada uma.

Essa lei que, veiu em muito rehabilitar o Banco

AFRICA PORTUGUEZA — Bolama, Ponte-caes

(Segundo photographia)

de Lisboa, pelos privilegios que lhe concedeu, prorogou-lhe o tempo da sua duração a 50 annos, contados da data da sua fundação e firmou-lhe em bases solidas o seu credito.

Em alvará de 16 de março de 1825 foi approvado um regulamento para se crear na cidade do Porto uma caixa filial do mesmo Banco, caixa que ainda hoje existe na maior prosperidade.

Foi grande, enorme, o beneficio que todas as classes receberam pela creação d'este Banco, não só pela diminuição do desconto do papel moeda, numerario ficticio que então innundava todo o paiz, senão tambem pelo alargamento e facilidade com que por essa epoca começaram a effectuar-se as pequenas transacções commerciaes, banindo a usura, que, desapiedada, sugava o sangue do pobre contribuinte e ia absorvendo todos os lucros do pequeno commercio e todas as enfesadas explorações da pequena industria.

Esse grande beneficio devem em larga escala as cidades de Lisboa e Porto ao Banco Nacional, gloriosa radicula que nos ficou da revolução de 1820.

Além d'isso os nossos governos tambem lhe devem o terem por vezes sahido de circumstancias bem melindrosas. Não deixava de ser frequente o ter de recorrer a elle, ou para pagamentos de letras, ou á conta de rendimentos futuros, que nem sempre eram embolsados.

A classe dos militares reformados, montepios de marinha e militar, as ferias do arsenal, da cordoaria, etc., tiveram nos primeiros annos de existencia do Banco um vigoroso auxilio.

Em 7 de dezembro de 1827 o Banco de Lisboa foi forçado por circumstancias que passamos a expôr, a suspender o troco das suas notas de prata, espalhando-se desde logo o terror por boatos que circularam de fallencia ou bancarota.

As causas d'essa crise foram os avanços ou adiantamentos que o Banco fez ao governo cujo alcance era então de 1:067 contos, bem como os emprestimos a longos prasos no valor de mais de 5:700

Como se sabe os avanços de grandes sommas a longo praso podem ser a ruina de um banco, bem como o pódem ser os depositos *á ordem*, porque nos depositos *a praso* não podem dar-se as fataes consequencias de uma corrida em carga cerrada que esgota as reservas metallicas de um dia para o outro O levantamento dos depositos a praso, fazendo-se lentamente, dá tempo a que os depositantes reconsiderem, ao banco o ir-se precavendo e ao estado de cousas mudarem. Na corrida irreflectida, louca, precipitada, acontece o que de ordinario succede com todos os panicos e receios infundados, as victimas d'essa precipitação são em maior numero do que as que se poderiam esperar pelo calculo bem disposto e pela reflexão bem calculada. N'uma batalha o militar que dá o grito de *salve-se quem puder* é logo passado pelas armas, n'um indicio de crise commercial e bancaria aquelle que primeiro dá o grito de alarme devia responder pelo crime de promotor de fallencias, ou de diffamação.

Pois foi o que fizeram os diffamadores em 1827. A noticia que o Banco de Lisboa se achava em apuros, pois que fugia aos descontos e outras operações circulou de bocca em bocca. Em breve os portadores de notas accudiram a trocal-as cada vez em maior quantidade. O banco foi pagando em quanto poude, mas vendo que a onda crescia fez ponto nos pagamentos. As grandes reservas metallicas haviam-se esgotado. O grande commercio que se havia feito para fora do reino com os famosos cruzados novos de D. João V e D. José I muito haviam contribuido para a falta de moeda de prata no reino.

Como se sabe o peso d'essa moeda era muito superior ao seu toque.

A direcção, em vista d'essa temerosa crise monetaria reuniu assembleia geral, que nomeou uma commissão de nove membros, accionistas, para examinarem o estado do Banco e sustentarem o seu credito e viu-se que este excedia em muito o seu debito. A commissão em vista d'isso decidiu:

1.º — Que ás pessoas que apresentassem notas se passassem obrigações com vencimento de juro de 5 por cento ao anno; pago aos trimestres sendo o valor d'essas obrigações pago ao portador no preso de um anno, ou antes, podendo o banco fazer a amortisação por sorte.

2.º — Que se abrisse um emprestimo em metal, debaixo da hypotheca dos creditos que o Banco possuia.

3.º — Que as apolices dos emprestimos pelo Banco ao Estado se vendessem pelos preços mais equitativos.

4.º — Augmento de fundos: 3:600 contos, (seis milhões e quinhentos mil cruzados) divididos em 5 200 acções), o que lhe foi concedido por decreto de 5 de dezembro de 1827.

Segundo o inventario a que então se procedeu ao estado do Banco, viu-se que existia um activo de 4:009 contos em papel e 3:307 contos em metal, e um passivo de 955 contos em papel e 3:373 contos em metal.

As notas em circulação eram na importancia de 2:137 contos; e o dinheiro em caixa de 416 contos em papel moeda e 64 contos em metal.

A quantia que o governo devia ao Banco era de 1:067 contos os quaes se deviam pagar com o emprestimo que o governo estava auctorisado a fazer, o que mais tarde aconteceu, mas o Banco não melhorou, como passamos a narrar.

(Continúa) *Silva Pereira.*

A IRMÃ PALLIDA

II

Rolaram dias lentos sobre aquellas horas angustiosas. Pallida emmagrecia sempre e a pelle ganhava uns tons ambreados, repuxada sobre os ossos com uma elasticidade gasta de pergaminho. Quando tossia e os labios descorados se tingiam ao jorro de sangue que lhe vinha do peito, presentia-se um chocar de coisas mudas sob o thorax estriado de costellas, como se o coração e os pulmões se lhe fragmentassem, entrechocando-se mutualmente á força do mesmo abalo.

Chegou a vespera da profissão. Estava resignada e misturava-se loucamente com as religiosas velhas, n'uma ancia de esquecer a aspiração fulva que um dia de maio talhara na sua alma. Mudara de cella, para que um olhar mal reprimido não viesse accender de novo o estellario de um ceu desejado, e vivia n'um cubiculo mal illuminado e frio, onde o seu olhar se perdia, triste, n'uma tibia claridade de lampada mystica.

E como ella no dia seguinte ia ser professa, ia ser uma monja completa, as velhitas que até alli lhe chamavam creança, olhavam-n'a d'uma maneira extranha, solemnes ao chamar-lhe — irmã Pallida.

Mostraram-lhe então os preparativos para a cerimonia, a armação de damasco, os longos pannos pretos, a eça, os tocheiros que haviam de allumial-a, e até a thezoura destinada a cortar-lhe os cabellos — a flamma aureolante que emmoldurava a sua pallidez de phtysica. Tinham trazido para ali uma imagem nova; um Christo grande, agonisante na cruz, com chagas d'um vermelho azulado e uma physionomia expressiva, como esbatido no conjuncto de dores que o divinisou.

Aquella imagem impressionou Pallida. A penumbra augmentava aquelle veu de soffrimento que vitrisava os olhos de Jesus e punha na alma da noviça uma melancholia pensadora de crepusculo. Pareceu lhe que a agonia theandrica se repetia n'aquella solidão mal illuminada, e quando se approximou mais da imagem para resar-lhe, julgou vêr os olhos do Christo, doces e tristes, a fital-a como em um sorriso...

Fugiu, teve medo da sua propria allucinação e foi procurar as monjas, fallar-lhes muito animada, cheia de febre e de nervosismo, como uma creança querendo apparentar de forte.

Emtanto, apenas serenou com aquelle esforço, os seus olhos incertos, flammeos de hysteria, procuravam já, outra vez, a imagem; e durante o dia com a infantilidade de uma doente, ia espreitar das longas arcadas a sombra do crucificado, esfumada n'uma tenue claridade da lampada.

Sem o comprehender, sentia-se criminosa n'aquella espionagem, lembrava-se dos desejos de liberdade que tivera, e ligava, sem saber porquê, estes pretendidos crimes, n'uma só aspiração. Agora já não tinha desejos de sahir d'aquella casa; — magoal-a iam até, se a quizessem tirar ás soledades claustraes. Era então um Christo que, ha pouco ainda, a fazia desejar a liberdade?...

— Mas ella vira muitas vezes, atravez das grades do côro, figuras espectraes de Christos agonisantes e isso não cortava as azas ao seu pensamento constante da liberdade!

— Que seria, então? E Pallida, agitada por um vago sentimento de remorso, começou a percorrer todas as cellas das companheiras, onde havia crucifixos ao longo das paredes brancas, tirou do seio uma pequena esculptura de marfim, mas nada lhe dava uma impressão viva, nenhuma d'aquellas imagens lhe produzia um grito na alma...

— Então era só o *outro*, aquelle Christo grande, macerado e agonisante! — Mas, sendo isto verdade, não era um sentimento religioso que a animava, era a esculptura, a forma, o olhar, aquelle olhar suave, profundamente suave...

Ella peccava, sentia o bem. Aquella imagem acordava n'ella, até então creança, a mulher; — accendera-lhe o sangue e não lhe emocionara a alma sincera e pura de boa crente.

E tremia, pensando assim, vendo abrir-se ante si uma clareira de desconhecido, que a attrahia como um foco de luz intensa.

Lançava um olhar ao seu passado tão sereno, e comprehendia então o mysterio azul de uns sonhos que tivera. . — Veio-lhe vontade de chorar então. Parecia lhe que aquelle mundo que inesperadamente se lhe desvendava, a tornava imfame, a prostituia. . — Sondava todo o abjecto de uma humanidade que não conhecia mas que o seu instincto adivinhava; — e a chimera da sua vida passada enchia-a de espanto como se não comprehendesse a ignorancia d'uma vida ingenua, sustentada artificialmente, como as plantas de estufa, ao ambiente doentio das grandes naves medievaes, longe do mundo...

Teve horas de martyrio. E o Christo, o Christo grande e moribundo, pendente da sua cruz ennegrecida, parecia alongar o seu olhar de morto por entre as arcarias até ella que, de longe, o espreitava receiosa.

Aquelle grande abalo moral agitara-lhe o organismo, atrophico já, e sentiu agonias extranhas como se aquella hypnose visual do Christo lhe tivesse communicado uma essencia lethal de morte proxima.

*
* *

A noite veio, lenta, sem um murmurio, sem uma luminosidade de astros. Quando a quando, como uma pulsação do silencio, um ruido longiquo parecia fallar da altura denegrida das abobadas.

A Pallida deitara-se pela ultima vez noviça, como uma noiva que se deita pela ultima vez virgem. Triste noivado aquelle, em verdade! E ella tendo sempre diante dos olhos a imagem do Christo, pensava como devia parecer mal com os habitos negros das professas, os cabellos cortados... sentia repugnancia já, pelo voto a que se obrigara, e de pés nús sahiu do leito e foi collocar um panno preto á roda da cabeça, em frente de um pequenino espelho, a ver como ficaria sem a moldura dos seus cabellos fluvos, como ficaria no dia seguinte.

A cercadura negra impressionou-a terrivelmente e foi para o leito, convulsa, fria, o olhar cheio de lagrimas e a voz cheia de sons roucos. Foi então que viu ali, ao pé do leito o habito que tinha a vestir no dia seguinte para a cerimonia. Agarrou n'elle convulsa, e calcou-o aos pés, n'um impeto de raiva nervosa.

De subito, serenou. Cahiu de joelhos e com uma serenidade quebrada apenas pelas lagrimas que lhe corriam, silenciosas, esteve assim muito tempo, movendo subtilmente os labios n'um murmurio apagado de prece.

A lampada extinguia-se ante uma imagem da Virgem pendente da parede caiada. Ella então deitou-se, fatigada, bocejando sangue e tremendo convulsamente n'uma sensibilidade exquisita de frio.

*
* *

A luz extinguiu-se e ella adormeceu. Fóra ia um silencio de deserto. A escuridão da noite, n'um empastamento de brumas parecia absorver todos os sons, arrastando-se pelas paysagens dormentes. O mosteiro cortava um esboço esfuminhado, quasi indistincto, no fundo cinzado do horisonte, e, pelo ar, como um bocejo enorme, corriam aragens brandas de crepusculo outomnal.

Dentro, no convento, os lampadarios estremeciam com um nevoeiro de luz, entre as arcarias denegridas que cortavam o vacuo. Era lugubre ali, aquelle deslisar de noite escura, onde as architecturas monumentaes, rendilhadas de mysterios hieroglificos, creavam as phantasmagorias auguraes d'uma idade morta.

Presentia-se bem que entre aquelles pesadellos granitisados, o espirito humano se havia de allucinar, incondicionalmente, até ás visões dos asaphins e das creanças. A sós, naquelle vacuo lugubre, comprehendiam-se, acreditavam-se as lendas que hoje nos causam riso: — echos estranhos fallavam das abobodas e as crispações da luz frouxa dos lampadarios, esbatendo-se no granito denegrido com uma oscillação lenta, em amarello, pareciam dar vida ás columnas e ás estatuas tumulares que picavam o longo pavimento lageado.

Ao fundo de uma nave longa, como involto

n'uma gaze inflammada, o Christo grande e moribundo, deixava pender para o chão os seus grandes olhos embebidos n'uma suave estellação de dor.

A' volta d'elle presentia-se um ar cheio de velludos, de harmonias e de perfumes. E a palpitação da luz que o banhava, fazia-lhe arfar o peito nú e chagado, e como que liquefazia as gottas de sangue escuro que lhe manchavam a epiderme. A'quella illusão, os cabellos desnastravam-se, os membros tremiam-lhe, e a cruz, talhada em negro, parecia vacillar, cahir...

E foi então que um vulto negro, como deslocado da escuridão dos claustros, avançou rapidamente n'uma correria, quasi, até ali. E de braços crispados, enlaçando convulsamente a haste da cruz, aquelle vulto singular e phantastico beijava doidamente os pés chagados do Christo. De subito, teve um desanimo e tombando quasi sobre o pavimento, expectorou um jorro de sangue, vermelho, onde a luz brilhou sinistramente, como um presagio funebre.

Um movimen'o descobrira-lhe o rosto, e o perfil de Pa lida, como que immergiu em opala, de entre o escuro do mongil.

Tivera um sonho, de uma ventura horrivel, que a deslumbrára; — um sonho que lhe dera a revelação de um sacrilegio mas que a fazia venturosa, que lhe dava estranhas vibrações de um gozo desconhecido. E sob o dominio do seu allucinamento, saltara fóra do leito e viera com o habito negro das velhas monjas, ver o Christo mais uma vez, vel-o só, sem que ninguem soubesse a profundeza, do seu olhar.

E cahira n'um desfallecimento quando ali chegara. As lages frias tinham lhe como adptado aos pés nús, umas sandalias de gelo... Sentia-se doente, muito, muito doente; e n'aquelle jacto de sangue que lhe sahira da bocca, pareceu-lhe que ia tambem uma grande parte da sua vida.

Reanimou-se. N'uma suprema reavigoração como um arranco de moribundo, tornou a enlaçar a cruz e os seus braços, saindo brancos e magros de entre as mangas fartas do mongil, enroscaram se como serpentes em torno do madeiro, salientando musculos e veias grossas, azuladas, n'um esforço extraordinario de nevrose.

E aos empurrões, lentamente, o seu corpo ia subindo, subindo. . Collava os labios sofregos nas chagas do Christo e sentia uma volupia enorme julgando as verdadeiras, cheias de sangue e pus... Parecia-lhe que já tinha os labios humidos da essencia repugnante das feridas abertas e sentia um jubilo intimo cheio das tonturas de uma grande embriaguez.

De repente, n'um esforço maior e mais violento, os seus braços cingiram o pescoço da imagem... e os seus labios, até ali descorados e seccos, chammejaram, humidos, rubros, collando-se aos labios do Christo! E como se esta violencia lhe tivesse exgotado as forças, e como se a satisfação do sacrilegio que sonhara, lhe houvesse amortecido a nevrose excepcional que lhe dava animo, um jorro de sangue veiu descollar os labios d'aquelle beijo maldito, e ella cahiu do alto, fria, rigida, branca, cadaverisada por um choque horroroso de dores...

D. João de Castro.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance Original

VI

OS CIGANOS

Litta e Varel sairam de Louredo e entraram em Beja pela meia hora da madrugada.

Pararam junto de certa habitação de mau aspecto e bateram por maneira especial na porta, como se isso fosse o resultado d'uma combinação com as pessoas que moravam ali.

Comtudo, apezar d'essa disposição preventiva de dentro não abriram, sem que primeiro ao postigo praticado junto do telhado, assomasse a cabeça desgrenhada d'um velho.

Varel, ao vel-o, imitou por tres vezes o piar da coruja, e então rapidamente o postigo fechou-se e um individuo de apparencia robusta ainda, apezar de mostrar ter mais de sessenta annos, barba comprida e grisalha, rosto queimado, olhar de rapina, coberto de andrajos, veiu abrir a porta.

— Safa que está um frio de dezembro, disse Varel entrando e dirigindo-se logo para a lareira onde se conservavam alguns tições accesos.

— E eu estou derrancada, acrescentou Litta. Pensei que nos não quizesse abrir a porta.

— Cá tenho as minhas razões... e depois não os esperava tão cedo.

— O negocio correu bem, foi dito e feito volveu Litta em tom alegre.

— E o morgado pagou-lhes? Interrogou o velho, com avidez?

— Como um principe, respondeu Varel. Podéra tem todo o interesse em que o pequeno desappareça.

— E fizeram a tolice de o trazer? Que idiotas! Se fosse commigo tinha-me esquecido d'elle p'lo caminho, e se o encontrassem que se entendessem lá com o sr. morgado... É vontade, acrescentou o velho com visivel accentuação de mau humor. E se mais este crime vier precipitar a nossa prizão?

— Ah! nada receie respondeu Litta com vivacidade, aquelle que servimos é poderoso.

E depois, indo deitar a creança n'uma enxerga velha que lhe servia de cama e a Varel, voltou para junto do velho.

— Olhe, meu pae, disse ella, atirando com dois rolos de dinheiro para cima da mesa, e sentando-se na unica cadeira que havia em casa, ahi está ouro para tornar menos difficil a nossa fuga. Com dinheiro sempre se é servido mais a tempo e horas, e obteremos até o segredo de muita gente, se desconfiarmos que nos perseguem. Expormonos sem recursos por esses caminhos era soffrer fadigas e privações por cima dos sobresaltos de sermos agarrados.

— Não deixas de não ter razão, conjecturou o velho. O ouro é o grande senhor do mundo! Deslumbra-nos, attrae nos.

E transfigurado de momento pela presença dos dois rolos de dinheiro, apoderou-se d'elle uma contracção nervosa e com as mãos crispadas agarrou-os e despejou-os sobre a mesa.

Ouviu-se o tinir secco do metal batendo um no outro e a mesa appareceu como de subito cheia de scintillações brilhantes, produzidas pelos raios da luz de uma candeia mal espevitada, que incidiam sobre as peças de ouro.

— Oh! exclamou o velho, como que fascinado.

Litta e Varel approximaram-se tambem da mesa sorridentes. Julgavam-se felizes n'aquelle momento por se verem possuidores de trezentas peças de oito mil reis, o que elevava a sua fortuna á importante somma de dois contos e quatrocentos mil reis.

Podiam dizer que estavam ricos, comparativamente com a extrema miseria em que todos tres tinham vivido até ali.

— Tão cedo não precisaremos de mendigar, disse Litta, por quem mais momentaneamente passou aquelle reflexo de felicidade. Aborrece-me já esta vida inquieta e errante; sem patria, sem casa...

— E sem familia, atalhou Varel. Anda dize. Não tens teu pae, não me tens a mim? Ah! é que eu já não sou o mesmo Varel de ha vinte annos, quando me enlaçavas nos teus braços e sentias prazer em beber do mesmo copo e comer no mesmo prato. Já sentes desprezo por esta vida miseravel, como se um punhado de ouro bastasse para nos fazer esquecer os habitos de bohemios... Pois então anda, vae sósinha por esse mundo fóra, compra sedas e veludos, e se não chegares á noite com o fato cheio de nodoas de vinho ou de gordura, dou-te de ganho a minha parte sem nenhuma pena.

— E' verdade, dizes bem meu Varel Sempre sou muito embecil Leve o diabo estas ideias que de quando em quando se me põem a martellar na cabeça. Olha, punhamo-nos em segurança quanto antes e banqueteemo-nos emquanto durar a ultima peça. Aos da nossa raça nunca se lhes acabam as occasiões de haver boas sommas como esta.

— Isso é que é fallar, tornou Varel, abraçando Litta com transporte.

O pae d'esta que estava ainda entregue a contar e a recontar as peças voltou-se repentinamente, tornando se extremamente pallido.

— Não ouviram?

— O que? Interrogaram inquietos Litta e Varel.

— Assim como que um grunhido.

— Ah! já nos tinha esquecido... Não se assuste é o morgadinho...

— Diabos o levem, que me deixou sem pinga de sangue... praguejou o velho... Que tencionam fazer... Vamos é pensar e resolver .. Deveremos partir esta noite ainda, porque ámanhã talvez já seja tarde. Pensarão acaso em leval-o? Servir-nos-hia de empecilho e de prova contra nós.

— Não me tinha lembrado d'isso, respondeu Varel ao mesmo tempo que parecia reflectir...

E voltando-se para Litta.

— Faze calar essa creança.

— O melhor, lembrou a cigana, é deixal-o ficar para ahi e irmo-nos embora.

— Isso era uma perversidade escusada, porque morreria inevitavelmente.

— E que tinha isso? Diabo, a morte do negociante de gado tornou-te fracalhão, já não pareces o mesmo Varel, cada vez que me lembro que te fiz marido da minha Litta...

— Mais um crime? E de que serviria? Litta, faze calar essa creança não ouviste?

A cigana foi a uma vasilha buscar leite e fel-o ingerir á creança. Esta bebeu-o soffregamente e depois adormeceu.

— Ganhámos o nosso dinheiro, continuou Varel, que nos importa a accusação de que não completamos a obra de que nos tinham encarregado. Nunca fui muito affeiçoado a matar creanças, taes crimes trazem sempre desgraças inevitaveis.

— N'estas circumstancias talvez não fosse nenhuma tolice, abalançava o pae de Litta... E depois como não era a gente que o matava.

— Teriamos a mesma responsabilidade!

Antes expol-o nos degraus d'uma egreja.

— E agora que está adormecido seria bella occasião... confirmou o velho.

— Se queres vou já, disse Litta tomando a creança nos braços.

— Pois sim leva-a, respondeu Varel. Mas como faz frio embrulha-a n'essa manta e deixa-lh'a ficar, sempre estará mais agasalhada...

— Este Varel tinha nascido para aio de recemnascidos, disse ironicamente o pae de Litta. E' pena que não te dedicasses ao officio e te fizesses um réles bandido... Lá coração de pomba tem elle, sequer ao menos quando se trata de creanças.

— Tome cautela com as suas ironias... Olhe que...

— Não sou nenhuma creança, bem sei, tornou o velho em tom de bravata... Tinha de experimentar-te o pulso, ou de deixar que o meu corpo servisse de bainha á tua faca.

Varel não ouviu, porque tinha aberto a porta e observava se na rua passava alguem.

Litta acabara de embrulhar a creança na manta.

— Podes sair, observou-lhe Varel.

Eram duas horas da noite.

Litta atravessou algumas ruas da cidade por entre o socego mais absoluto; só de quando em quando alguma rajada de noroeste mais forte agitava o arvoredo e tornava o frio mais penetrante.

Caminhava com passo firme, mal distincta por entre as sombras quasi espessas em que deixava as ruas a luz indecisa dos candieiros da antiga illuminação.

Depois de dez minutos de caminho deparou-se-lhe na sua frente a egreja de S. Sezinando, pertencente ao collegio de jesuitas da mesma invocação.

Parou receiosa e procurou descurtinar se alguem a observava. Depois um tanto sobresaltada encaminhou-se para o adro da egreja e pousou a creança sobre os degraus.

N'este momento o vento soprou com maior intensidade, e o candieiro postado defronte da egreja apagou-se ficando Litta sepultada nas mais densas trevas.

Rapidamente a cigana desceu como se fosse perseguida por alguem que a ameaçasse.

Mas depressa serenou e cobrou animo ao avistar a sua casa onde a esperavam seu pae e Varel.

— Que significa o que senti ainda agora? Parece-me que ainda que tarde a consciencia acaba de fallar dentro de mim... Se tal doença me acommettesse seria uma verdadeira desgraça. Parece-me que vi o morgadinho sorrir quando o punha no chão e estender-me os braços... Ora adeus isto são verdadeiras tolices.

Quando chegou a casa já seu pae e Varel tinham mettido as preciosas moedas em um sacco de lona consistente, e guardado alguma roupa em outros dois saccos que distribuiram entre si.

Litta tomaria conta do thesouro.

Nem sequer se incommodaram a fechar a porta e sairam.

A'quella hora a creança conservava-se adormecida onde a deixara Litta, tão descançada, como se tivesse ainda ali sua mãe a velar-lhe o somno.

(Continúa) *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

Quando a nossa ultima revista sahia a publico, já nas eminencias do poder se sentava um governo novo, novo porque succedia ao que tinha passado á historia, e não porque os elementos que o compõem sejam novos, principiando pelo venerando presidente do conselho, que além das suas

respeitaveis cans, é o mesmo do governo que precedeu o actual, donde se conclue que o sr. Abreu e Sousa é o unico presidente de conselho possivel, no meio do esfacelamento dos partidos, que tão desrespeitosamente viram as costas aos seus chefes *in nomine*.

E dizemos *in nomine* porque o malogro das delegencias do sr. Serpa para formar ministerio, depois da desistencia do sr. conde de S Januario patrocinado pelo sr. José Luciano de Castro, não póde haver duvida que os dois chefes dos partidos monarchicos passaram a simples titulares honorarios do posto que occupavam e mais nada.

Vejam por que transformações vão passando os partidos e como a desgraça aproxima os homens mesmo os que mais irreconceliaveis pareciam ser.

Só temos que admirar o grande phenomeno que fez aproximar elementos tão etrogenios, e que está dando volta ao miolo a alguns chimicos sobre as verdades da sua sciencia, que lhes demonstra a impossibilidade da ligação de certos corpos como no caso sujeito.

Mas porque o vinagre e o azeite não se assimilam nem por isso deixam de serem indispensaveis n'uma salada, e então os sabios que barafustem á sua vontade, porque do que se trata não é de sciencia mas de politica, e a politica dos nossos tempos está preferindo a salada para desenjoativo do seu estomago abarrotado por tantas comezainas.

Não nos levem a mal esta dessertação gastronomica a proposito do novo governo, mas nós não encontramos no nosso pobre estylo outra figura que melhor expremisse a nova situação, salvo o respeito devido aos novos ministros, que tão patrioticamente accordaram em salvar a patria dos apuros em que a politica a tem posto.

Fóra pois a politica ou melhor as intrigas e invejas com todo o seu cortejo de interesses; isto agora é vida nova, e «em boa hora o diga e de alto» para que se acabem com todos os enguiços, como lá diz o D. Egas Payalvo da Ginjeira.

Já temos um programma brilhante do novo governo, falta só a execução.

Esse programma foi apresentado, na abertura do parlamento, ás duas horas da tarde do dia 30, pelo sr. presidente do conselho e resume-se no seguinte: politica tolerante e liberal, remover as dificuldades financeiras, melhorar a situação economica, rever as pautas aduaneiras, renovar e negociar novos tratados de commercio no sentido de proteger as industrias nacionaes, realisar todas as economias possiveis, melhorar a situação das classes laboriosas, corregir a lei da imprensa e manter a ordem publica assegurando o prestigio da auctoridade.

Ahi fica estampado para boa memoria dos esquecidos, porque os lembrados, esses talvez se recordem de terem já ouvido isto de mais vezes.

E se o leitor ainda não sabe quem são os novos ministros animados de tão boas intenções, ahi vão os seus nomes com as respectivas pastas e procedencias partidarias:

Presidencia e guerra sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, progressista; reino, sr. Lopo Vaz, regenerador; fazenda sr. Marianno de Carvalho, progressista; obras publicas sr. Franco Castello Branco, regenerador; estrangeiros sr. conde de Valbom, foi historico; marinha sr. Julio de Vilhena, regenerador; justiça, sr. Moraes de Carvalho tambem regenerador.

Este ministerio era pouco mais ou menos o mesmo que os srs. conde de S. Januario e Antonio de Serpa chegaram a ter organisado por um fio, mas por fim o fio partiu-se e só o sr. João Chrysostomo é que o poude atar.

Perante o novo gabinete prometem os partidos a mais benevola espectativa já que não podem prometer outra cousa nas actuaes circumstancias, em que para se organisar um ministerio é preciso suar em bica.

E a suar anda a estas horas, em Paris, o sr. Marianno de Carvalho a levantar o credito nacional, do abysmo em que se se achava afundado, á altura da gravidade das circumstancias.

N'elle estão fictos n'este momento os dez milhões d'olhos da patria, avidos por verem os telegrammas de Paris que annunciam que o mesmo sr. Marianno conseguiu elevar o credito mais tres centimos depois do almoço com o sr. Rouvier, ministro da fazenda de lá.

E estes telegrammas são lidos com tanto ou mais interesse que os telegrammas d'Africa e de Londres, que trazem as noticias das novas proezas que a gente da Companhia *South African* anda por lá praticando, atacando as nossas forças, estabelecendo novos conflictos, que podem tornar a escurecer os pontos das bases do novo tratado, que tanto trabalho tem dado para fazer claros.

Se as novas occorrencias de Massekesse não vierem retardar ou perturbar as negociações, dentro em pouco serão apresentadas ao parlamento as bases do novo tratado, para serem devidamente apreciadas e sabermos quanto nos fica ainda para um futuro saque, apesar de toda a claresa.

João Verdades.

CONSELHEIRO ADRIANO D'ABREU CARDOSO MACHADO

FALLECIDO EM 25 DE MAIO DE 1891

(Segundo photographia)

RESENHA NOTICIOSA

O CONVENIO SOBRE O CONGO E O MUATAYANVUA. — Foi finalmente assignado em Bruxellas, no dia 25 do mez findo, o tratado de limites, convencionado com Portugal e o Estado Livre do Congo, ficando assim estabelecidas as fronteiras dos dominios de Portugal:

A parte da fronteira definida nos tres primeiros paragraphos da convenção de 14 de fevereiro de 1885, foi substituida: Uma recta que partindo d'um ponto marcado na praia 300 metros ao norte da casa principal da feitoria hollandeza de Lunda, vá á embocadura da Ribeira de Lunda, situada na lagoa do mesmo nome; o curso d'esta ribeira, até ao charco de Mallongo; o curso dos rios Venzo e Sulofe até á origem d'este ultimo nas vertentes da montanha Nime-Tchiama, o parallelo d'esta nascente até á sua intersecção com o meridiano da confluencia do rio Culla-Calta M'Zenze com o Luculla; o meridiano assim determinado até encontrar o rio Luculla; o curso do Luculla até á sua confluencia com o Chiloango (Luango Luce).

No rio Zaire, a linha da fronteira será a linha media do cannal de navegação geralmente seguida pelos navios de alto bordo, canal que deixa para Portugal as ilhas de Bulicoso, Sacran-Ambaca, etc.

Em Nokki, onde pela convenção de 1885 era impossivel a demarcação exacta porque as cartas da epocha davam ao rio uma orientação diversa da que effectivamente tem, convencionou-se que a linha de fronteira partiria de um ponto situado na margem esquerda do Zaire, a 100 metros ao norte da casa mais septentrional da povoação, indo encontrar o pararello da *residencia* a uma distancia de 2:000 metros da mesma residencia, e d'ahi o mesmo parallelo até ao Cuango.

Juntamente com esta convenção concluiu-se um accordo aduaneiro, pelo qual os direitos de exportação cobrados no rio Chiloango e seus affluentes, quer por Portugal, quer pelo Estado do Congo, sejam em globo arrecadados, para serem divididos na proporção das receitas brutas da mesma especie, effectuadas pelos dois Estados em 1890.

Por este accordo, Portugal recupera territorios cuja soberania lhe era disputada pelo Estado Livre do Congo, que já n'elle exercia direitos ha alguns annos, e acaba no enclave de Cabinda, com questões que prejudicavam as relações de boa visinhança entre os dois paizes.

Entretanto sempre perdemos terrenos que sempre foram considerados portuguezes na fronteira norte que confina com a provincia de Angola, alem da sociedade que damos ao tal Estado Livre do Congo, nos direitos cobrados no Chiloango.

Os negociadores d'este convenio celebrado em Bruxellas, foram por parte de Portugal: o sr. conde de Macedo, nosso ministro n'aquella côrte, coadjuvado na parte technica pelo sr. capitão Oliveira, preparando em Lisboa os estudos sobre esta questão os sr. conde de Sabugosa coadjuvado pelo sr. Nuno Queriol.

No mesmo dia tambem se celebrou em Lisboa o convenio sobre os lemites do Muatayanvua ou Lunda sujeito á soberania de Portugal, com o mesmo Estado Livre do Congo, ficando assim estabelecida a nossa fronteira:

Cuango desde o paralello de Nokki até ao 8.°; paralello do 8.° de Cuango do Cuilo; curso do Cuilo entre 8.° e 7.°, pararello do 7.° entre Cuilo e Cassai; Cassai para o sul e o seu affluente que nasce do lago Dilolo; do lago Dilolo para o oriente a divisoria d'agua, entre o Zaire e o Zambeze.

O primeiro projecto de partilha mencionava o paralello de 9.° do Cuango ao Cassai e de 8.° do Cassai para o oriente.

A formula, que se adoptou afinal, é muito mais vantajosa porque comprehende todo o itenerario do major Carvalho e do tenente Sarmento até ao Cassai; quer dizer onde temos mais relações commerciaes e mais influencia.

A parte que cedemos entre 7.° e 9.° — do Cuango ao Cuilo, é aquella onde o E. Sudessurd estabeleceu varios pontos em virtude do decreto de 10 de junho d'este anno, em que a si proprio se attribuia toda a Lunda e nos limitava pelo Cuango; mas os outros pontos, ao sul do paralello 9.° serão retirados pelo E. S. sendo os mais importantes os que ficam nas terras de Cassenda Camulembo, potentado dos Xinges, limitrophe do Cuango.

As negociações d'este convenio fôram dirigidas, por parte de Portugal pelo sr. Carlos Roma du Bocage e por parte da Belgica pelo sr. E. de Grelle, ministro d'esta nação em Lisboa.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 43